

LUGAR INCOMUM

Uma seleção de refúgios com naturezas selvagens, culturas autênticas e experiências únicas para curtir a léguas de distância das hordas de turistas e dos destinos de sempre

Por DANIEL NUNES GONÇALVES



Os desertos e savanas da Namíbia, no sul da África, destino certo para ter um safári para chamar de seu.



Sabe aquele prazer de desembarcar, de mala leve e espírito aberto, em um lugar onde pouca gente pisou e que ainda não pasteurizou? Acredite: mesmo em um mundo conectado por milhares de voos para os países mais longínquos da Terra, ainda há refúgios que não foram descobertos pelas hordas de turistas e suas excursões barulhentas. Nas páginas a seguir, elencamos experiências ultraexclusivas e 100% naturais para viver nos cinco continentes onde, em pleno 2017, viajantes apaixonados podem sentir um raro prazer: o da imersão na paisagem intocada e na cultura de destinos distantes do lugar-comum.

África • NAMÍBIA Safári para ver bichos e desertos

Objeto de desejo de fotógrafos do mundo todo, a Namíbia tem os animais selvagens, as tribos de costumes tradicionais e os cenários de luz sublime que habitam o imaginário de quem sonha explorar a África. Com uma vantagem: essa ex-colônia alemã não possui uma fração dos jipes e turistas de roupas e chapéus cáqui que lotam os parques de outros países africanos famosos por safáris, como a África do Sul, o Quênia e a Tanzânia. Para ter leões, girafas e rinocerontes para chamar de seus, inclua o Parque de Etosha, no norte do país e sem muvuca, em seu roteiro. Os maiores diferenciais de uma exploração da Namíbia, no entanto, são outros...

Partem da capital Windhoek as esticadas para visitas a templos de beleza, como as dunas de Sossusvlei, no sul, onde troncos secos retorcidos despontam entre dunas impecáveis.

Viajar de jipe pelo país, com ou sem um motorista local, é relativamente fácil e pode levar a outras preciosidades da geografia africana. É o caso do Twyfelfontein, Patrimônio da Humanidade, com inscrições rupestres da Idade da Pedra, no centro do país, em Damaraland. Quem dirige ao litoral surpreende-se com a Costa do Esqueleto, onde carcaças de navios naufragados nas águas revoltas daquele trecho do Atlântico repousam nas areias à beira-mar. Tudo pertinho de ilhas habitadas por pinguins e focas, e das savanas que ladeiam a praia. Cada cena parece sempre pronta a ser enquadrada nas câmeras dos amantes da natureza inóspita.

• **COMO CHEGAR:** Ainda que esteja logo ali do outro lado do Atlântico, não há voos diretos para a capital Windhoek. A rota mais prática é via Johannesburg, na África do Sul.

• **ONDE FICAR:** Os lodges da rede Wilderness Safaris (wilderness-safaris.com), vendidos no Brasil pela Terramundi (terramundi.com.br), estão espalhados por lugares emblemáticos como Etosha, Sossusvlei e Damaraland – e com mimos como as camas que podem ser dispostas fora do quarto, sob as estrelas.

• **TOME NOTA:** A história é triste, mas merece ser conhecida nos museus da capital Windhoek. Antes de Hitler tocar o terror na Europa, a Namíbia foi palco do primeiro genocídio de que se tem notícia no planeta, com etnias praticamente extintas pelos colonizadores alemães entre 1904 e 1908.



Caminhar na beira de um vulcão na Nova Zelândia: dá um trabalho danado chegar lá, mas a experiência é surreal



Oceania • NOVA ZELÂNDIA Voar até a boca de um vulcão ativo

Por estar sobre o Grande Anel de Fogo do Pacífico, a Nova Zelândia ostenta nada menos que 60 vulcões. Boa parte deles segue em atividade, e o único em ambiente marinho está em White Island, ilha que não para de soltar fumaça branca e cujo nome em maori é Whakaari – “aquela que se faz visível”. O esforço para chegar lá não é pequeno: do Brasil, viaja-se por 18 horas até a capital Auckland (em geral, via Santiago ou Buenos Aires), depois é preciso encarar três horas de estrada até Rotorua. Maior concentração de descendentes dos maoris, habitantes da área desde o século 13, ela é a base dos helicópteros que voam até White Island. Ver do alto, à distância, a ilha soltando nuvens densas em meio ao azul do oceano faz disparar o coração. Mas é depois de pousar e ganhar uma máscara para facilitar a respiração – o mau odor de enxofre pode ser tóxico – que o explorador tem o privilégio de caminhar até a boca daquele caldeirão. Bolhas cinza-chumbo misturam-se ao verde da água da chuva e aos minérios amarelos e alaranjados do solo, desenhando um cenário surreal. Como se não bastasse a satisfação de pisar em um pedaço do interior fumegante do planeta, o visitante ainda tem no entorno praias lindas. E, na volta a Rotorua, pode relaxar nos poços de águas termais em alguns dos melhores spas do país do Senhor dos Anéis.

- **COMO CHEGAR:** A Volcanic Air (volcanicair.co.nz) vende passeios de helicóptero a partir de Rotorua. É possível chegar ali também de barco com a White Island Tours (whiteisland.co.nz), em passeios de um dia, a partir do porto de Whakatane.
- **ONDE FICAR:** O refinado Solitaire Lodge (solitairelodge.co.nz) está fora do centro de Rotorua, no alto de um morro e à beira do lago Tarawera. Ele tem heliponto próprio para voar até a ilha-vulcão.
- **TOME NOTA:** Capital informal da população maori, que considera sagrado tudo o que vem da natureza, a cidade de Rotorua é base para apresentações de lutas típicas, como a haka, e para passeios a cascatas de águas quentes.

América • GALÁPAGOS Entre as espécies raras de Darwin

Tartarugas gigantes, iguanas marinhas e pássaros cujos bicos e patas se diferenciam conforme o alimento e o ambiente encontrados nas ilhas que habitam. Os mesmos animais que levaram o jovem naturalista britânico Charles Darwin a desenvolver a sua teoria sobre a evolução das espécies ainda hoje deixam de boca aberta quem pode pagar para repetir parte da rota que ele fez pelo Pacífico, nos anos 1840. O palco do maior espetáculo para safáris marinhos da Terra é o arquipélago de Galápagos, no Equador – esse minúsculo país latino pelo qual o turismo de massa não dá nada, mas que tem muito a mostrar.

Melhor assim. Com número restrito de visitantes e de barcos que podem se aproximar dos refúgios de leões-marinhos, pinguins e até tubarões, Galápagos conseguiu preservar vários de seus animais de origem quase pré-histórica. De tão à vontade e fartos de alimentos, eles não temem a aproximação humana (o que facilita a vida dos fotógrafos, mas oferece algum risco aos próprios bichos). Como se não bastasse, habitam praias de areia branca, águas azuis e ilhas com lagos, vulcões dormentes e cenários que misturam desertos com cactos floridos.

Dá para observar a bicharada a partir de passeios de bate-e-volta em barcos que partem das ilhas maiores – Santa Cruz, San Cristóbal, Isabela e Floreana. Para chegar aos picos mais bonitos e distantes, porém, embarque num cruzeiro de várias noites, um jeito exclusivo de aliar história, exploração e natureza em estado bruto.

- **ONDE FICAR:** Há cruzeiros marítimos que duram de três a 14 noites, mas os de sete são os mais bacanas. Partindo de Santa Cruz ou San Cristóbal, o intimista barco Grace, da Quasar Expeditions (quasarex.com), para apenas 18 passageiros, é hit.
- **COMO CHEGAR:** Não há voos do Brasil para Galápagos. É preciso seguir ao Equador via Lima ou Bogotá. De Quito voa-se por três horas até as ilhas de Santa Cruz ou San Cristóbal. A partir de Guayaquil, o trajeto leva duas horas.
- **TOME NOTA:** A economia do Equador é dolarizada. Galápagos é o destino mais caro do país. Prepare o bolso. E prefira ir entre janeiro e maio, sem chuvas. Se for passar o Natal ou Ano Novo, não perca as procissões do Paso del Niño, onde as pessoas se fantasiam até de Chaves e de Homem-Aranha atrás do Menino Jesus.



Galápagos, uma viagem para testemunhar a vida como ela era antes de a humanidade ocupar o planeta





No norte da Tailândia, um dia como cuidador dos elefantes, com direito a banho de rio e passeio pela região



Ásia • TAILÂNDIA Um dia cuidando de elefantes

Tão grandes quanto dóceis, os elefantes acabaram virando presas fáceis dos traficantes de marfim que costumam sacrificá-los em seus habitats na Ásia e na África. Para minimizar o risco de extinção dos cerca de 3.000 adoráveis paquidermes que ainda restam na natureza, algumas ONGs se associaram a redes hoteleiras de luxo e criaram reservas, os “elephant camps”, que aliam turismo e preservação. Uma das mais ecologicamente corretas é a Fundação dos Elefantes Asiáticos do Triângulo Dourado, em Chiang Rai, no extremo norte da Tailândia, onde o país faz limite com Laos e Mianmar. A uma hora de voo de Bangkok – esta, sim, sempre repleta de turistas –, Chiang Rai é ladeada pelo caudaloso Rio Mekong, embelezado pelas florestas do entorno, pelos barcos típicos e pelo dourados templos de reverência a Buda.

O maior barato de se hospedar em um hotel-reserva de elefantes como o Anantara Golden Triangle é poder viver a experiência de ser mahout por um dia. Mahouts são os cuidadores dos elefantes. Normalmente, quando jovens, esses nativos adotam um desses bichões de estimação e passam a ser responsáveis por alimentar e cuidar dele por toda a vida. Logo pela manhã, o hóspede escolhe um dos elefantes para, junto com o mahout de verdade, aprender a dar banho, alimentar, subir e descer do lombo do animal e, a melhor parte, a conduzi-lo no passeio pela bela região. O ponto alto é a travessia do rio, com direito a mergulhos. O maior aprendizado da experiência está na consciência que o viajante passa a ter sobre a fragilidade dos elefantes e a relação admirável que eles têm com seus cuidadores.

• **COMO CHEGAR:** Há várias rotas aéreas, com diferentes escalas, ligando São Paulo a Bangkok. De lá, basta voar por uma hora a Chiang Rai e rodar de van por 70 km até chegar ao hotel-reserva.
• **ONDE FICAR:** O Anantara Golden Triangle (goldentriangle.anantara.com) oferece vista para o Rio Mekong e o campo onde vivem os elefantes. Não se surpreenda se cruzar com ele na frente da recepção. A casa, na verdade, é deles.
• **TOME NOTA:** Em frente ao hotel fica o Museu do Ópio, que narra cinco milênios de história da droga que já sustentou a região. Perto do aeroporto está o Wat Rong Khun (watrongkhun.org), o Templo Branco, onde o artista Chalermchai Kositpipat mistura imagens sagradas de Buda, Michael Jackson e Freddy Krueger. Algo que, seguramente, só existe ali.

Europa • ISLÂNDIA Presenciar uma aurora boreal

São poucos os recantos da Terra de onde é possível avistar o espetáculo da aurora boreal. Basicamente, regiões próximas do Círculo Polar Ártico, como Alasca, Groenlândia e Noruega, desfrutam desse privilégio. Com preços menos salgados que os vizinhos da Escandinávia e uma diversidade de cenários surpreendente, a Islândia brilha como o destino favorito. Isolada no Atlântico Norte a meio caminho de voo entre Londres e Nova York, o país arrebatou quem se depara com seus glaciares infinitos, gêiseres que jorram a 35 metros de altura, praias desertas de areia preta e vulcões.

Para ter a chance de ver a aurora boreal, é preciso voar para Reykjavik entre setembro e abril. Ainda que as poucas horas de sol desanimem, a intensa vida cultural e musical dessa fervilhante capital compensa. O lar da cantora Björk sedia ótimos festivais de música, e o programa preferido dos forasteiros entre um show e outro é afastar-se um pouco do pequeno centro urbano e olhar para o céu. Luzes verdes, roxas e vermelhas movem-se rapidamente de um ponto a outro do firmamento, levando os felizardos que flagram o fenômeno a celebrarem tanta beleza como se fosse Ano Novo. Prepare-se para brindar, abraçar desconhecidos e, claro, contemplar como nunca um dos momentos mais efêmeros e espetaculares que a natureza pode proporcionar.

- **ONDE FICAR:** Reykjavik é cheia de hospedagens-boutique como o moderninho 101 Hotel (101hotel.is), bem localizado na rua principal. Para acordar no meio da madrugada e ver a aurora, passe algumas noites no isolamento do Hotel Rangá (hotelranga.is).
- **COMO CHEGAR:** Há voos diretos de Nova York, Londres, Paris e Amsterdã – onde a escala convida a um banho de urbanidade antes ou depois de tanta natureza. A Luxury Adventures (lux.is) organiza passeios ao entorno de Reykjavik.
- **TOME NOTA:** Ninguém pode garantir que você vá ver uma aurora boreal ao viajar no inverno. Mas não desanime se você só tiver férias no verão do Hemisfério Norte. Passar dias vendo o sol da meia-noite é outra experiência inesquecível na Islândia.



Islândia: auroras boreais e várias outras atrações para explorar na natureza e na capital Reykjavik

